

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP¹

Resumo

A tradicional feira livre que ocorre aos domingos na cidade de Marília, localizada no interior do estado de São Paulo, foi deslocada para margem da região central em 2015 por interesses da igreja Universal do Reino de Deus com mediação do poder público. Contudo, essa disputa não ocorreu isoladamente, ela se desenvolveu no contexto urbano contemporâneo, que é orientado, majoritariamente, pelos interesses neoliberais do mercado imobiliário. Com a intenção de demonstrar a relação entre a mudança da feira e o desenvolvimento urbano influenciado pelo capital imobiliário, este artigo apresenta uma análise do tensionamento a partir de duas categorias analíticas, espaços espontâneos e espaços estéreis, que foram desenvolvidas por pesquisa qualitativa sobre espaços da cidade que se relacionam direta e indiretamente com a feira. Os espaços selecionados por meio de entrevistas com feirantes e seus fregueses foram o supermercado da rede Tauste, o Marília Shopping e o Terminal rodoviário urbano. As categorias contribuíram para localizarmos a feira livre na teia de relações sociais da cidade e para entendermos o significado do seu deslocamento para o projeto de desenvolvimento urbano nas cidades médias. Portanto, a aproximação da feira com os espaços espontâneos e da igreja Universal com os espaços estéreis indica o grau de conformidade da cidade de Marília com a tendência de um projeto neoliberal de cidade, cujo modelo está presente há décadas nos grandes centros urbanos do país.

Palavras-chave: feira livre; segregação; neoliberalismo; sociologia urbana.

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Doutorando em Ciências Sociais na UNESP.

Brasil

marcus.v.carvalho@unesp.br
orcid.org/0000-0003-4423-467X

Para citar este artigo:

CARVALHO, Marcus Vinicius de Souza Perez de. Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP. *PerCursos*, Florianópolis, v. 23, n.53, p. 211 - 239, set./dez. 2022.

DOI: [10.5965/1984724623532022211](https://doi.org/10.5965/1984724623532022211)

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724623532022211>

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado em Ciências Sociais financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Spontaneous and sterile spaces in medium-sized cities: a study based on the displacement of the street market in the city of Marília-SP

Abstract

The traditional street market, that happens on Sundays in the city of Marília, located in the interior of the state of São Paulo, was moved to the margin of the central region in 2015 by the interests of the Universal Church of the Kingdom of God with the mediation of the public power. However, this dispute is not an isolated happening, it developed in the contemporary urban context, which is mostly guided by the neoliberal interests of the real estate market. With the intention of demonstrating the relationship between the change of the fair and the urban development influenced by real estate capital, this article presents an analysis of the dispute using two analytical categories, spontaneous spaces and sterile spaces, which were developed by qualitative research on spaces of the city that are directly and indirectly related to the street open market. These spaces, selected through interviews with marketer and their customers were the Tauste supermarket, the Marília Shopping and the Urban bus terminal. The categories contributed to locating the street market in the city's web of social relations and to understand the meaning of its displacement for the urban development project in medium-sized cities. Therefore, the approximation of the street market with the spontaneous spaces category and the Universal Church with sterile spaces category indicates the degree of conformity of the city of Marília with the tendency of a neoliberal city project, whose model has been present for decades in the great urban centers of the country.

Keywords: street open market; segregation; neoliberalism; urban sociology.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Introdução

A tradicional feira livre que ocorre aos domingos na cidade de Marília foi deslocada para margem da região central em 2015 por interesses da igreja Universal do Reino de Deus. Esse acontecimento é orientado pela disputa entre feira e igreja neopentecostal em um contexto urbano orientado, majoritariamente, pelos interesses neoliberais do mercado imobiliário. Com a intenção de demonstrar a relação entre a mudança da feira e o desenvolvimento urbano influenciado pelo capital imobiliário, este artigo apresenta uma análise do tensionamento apontado a partir de duas categorias espaciais que foram desenvolvidas por pesquisa qualitativa. Os espaços espontâneos e os espaços estéreis, enquanto ferramentas analíticas, contribuíram para localizarmos a feira livre na teia de relações sociais da cidade e para entendermos o significado do seu deslocamento para o desenvolvimento urbano contemporâneo.

A feira livre ocorria tradicionalmente aos domingos em toda a extensão da Avenida Presidente Tancredo de Almeida Neves, localizada na região central de Marília e próxima ao principal ponto de acesso do transporte coletivo municipal. Contudo, em 2015, a igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus se instalou em um amplo salão comercial localizado aproximadamente no meio da avenida citada. Após alguns meses, a igreja já demonstrava incômodo com a feira aos domingos. Segundo os fiéis e feirantes, além do “barulho” e da “sujeira” que “constrangem” a igreja, a rua ocupada também foi um empecilho. A igreja Universal pretendia que a rua fosse acessível para o estacionamento de veículos particulares dos pastores, “obreiros” e fiéis (CARVALHO, 2019). A igreja almejava por “melhores condições”, enquanto a feira dimensiona seus prejuízos. Segundo os feirantes, a curta distância entre feira e terminal rodoviário urbano garantia o acesso facilitado de seus fregueses de outros frequentadores da feira, ou seja, a possibilidade de mudança da feira era relacionada ao prejuízo pelos feirantes.

O incômodo com a feira livre e a intenção de usar a rua como estacionamento revelam determinado perfil espacial da igreja e suas contribuições para a cidade. Além de se apoiar na corrente ideológica-religiosa da Teologia da Prosperidade, a igreja Universal possui um funcionamento empresarial que visa sua ampliação e enriquecimento por meio

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

de ferramentas de caráter neoliberal (MARIANO, 2014). Com destaque nos setores de telecomunicação e mídia, a Universal possui conglomerados empresariais que são responsáveis por atividades comerciais, de mercado e da contratação de força de trabalho especializada. Além do dízimo, outra forma de obtenção de lucro é o seu envolvimento com a indústria imobiliária por meio da compra, venda e edificação de imóveis (ARAÚJO, 2018, p. 164). Portanto, ao projetar na rua seu interesse particular, concomitante às suas ações empresariais e à relação com a indústria imobiliária, a matriz da igreja Universal do Reino de Deus na cidade de Marília revela seu interesse privatizador sobre a cidade.

Com mediação de um vereador², o interesse da igreja foi levado ao poder executivo do município que providenciou a mudança. Com mínima resistência, os feirantes conseguiram apenas adiá-la para que houvesse as instalações necessárias para seu trabalho no novo local. As secretarias municipais de Agricultura e Planejamento Urbano foram responsáveis por administrar a mudança que reacomodou a feira à margem da região central e, para desgosto de feirantes e fregueses, distante do terminal rodoviário urbano. A justificativa do poder público foi de que a feira seria ampliada em sua nova localização, na principal avenida da cidade, a Avenida Bento de Abreu Sampaio Vidal. Essa argumentação omitiu o verdadeiro motivo da transferência da feira, como também não foi capaz de impedir o desgaste dos feirantes e de uma parcela de seus fregueses que pararam de frequentá-la pela dificuldade de acesso.

O deslocamento ocorreu em um contexto urbano que, a partir dos anos de 1980, se desenvolveu sob intensa influência neoliberal por meio do mercado imobiliário e sua capacidade de obtenção de lucro. Um dos desdobramentos dessa relação entre cidade e capital foi a valorização e a construção de espaços de caráter privado ou coletivo-privado voltados no primeiro momento para habitação e, posteriormente, para o trabalho, consumo e lazer. A principal função desses espaços, os “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011), é proteger o cotidiano de uma parcela da população, com significativo

² As identidades dos sujeitos citados ao longo do artigo foram preservadas, a fim de evitar complicações processuais.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

poder de consumo, contra os perigos e riscos presentes na vida pública³. Os enclaves se afastam da cidade, ao considerá-la “um mundo deteriorado no qual não há apenas a poluição e barulho, mas, o que é mais importante, confusão e mistura, isto é, heterogeneidade social” (CALDEIRA, 2011, p. 265).

Os enclaves, enquanto representação da acumulação neoliberal sobre a cidade (ROLNIK, 1997; 2015), contribuíram ativamente para a atualização da segregação urbana. O padrão baseado na valorização da região central e afastamento da precariedade para margem do território urbano foi alterado com a construção dos enclaves nas regiões periféricas ou em bairros afastados do centro, onde os terrenos eram adquiridos abaixo do valor de mercado. Nesse contexto, houve uma aproximação espacial da classe dominante com a região onde habita a parcela da população urbana que representava o “risco” da cidade.

Porém, essa curta distância foi contornada; os enclaves afastaram o “perigo” por meio de tecnologia de segurança, como por exemplo muros, câmeras, cercas e agentes de segurança. Outra característica significativa desses espaços, e que os diferencia da “vida na cidade”, é a rígida limpeza, que localiza e elimina a “sujeira” dentro dos enclaves. O seu funcionamento assegura o distanciamento do “risco” e contribui para a “diferenciação social” dos sujeitos que vivem e consomem nesses lugares em relação àqueles que vivem cotidianamente nos espaços públicos ou urbanamente precários. Com o enclausuramento do seu cotidiano, a classe dominante rechaça a rua, a própria cidade e as possibilidades da vida nos espaços públicos.

A expansão dos enclaves é acompanhada e autorizada pelo poder público. As terras de baixo valor de mercado, localizadas à margem da cidade, adquiridas por grandes construtoras imobiliárias estão, em muitos casos, ocupadas irregularmente pela população de baixa renda. Nesse contexto, a atuação do Estado não está preocupada com a demanda social que resiste aos ataques do desenvolvimento urbano orientado

³ O aumento da violência e do crime na cidade (ROLNIK, 2015) foi o argumento usado para justificar a segregação dos enclaves ao longo dos anos 1990. A “fala do crime” (CALDEIRA, 2011) é a categoria analítica que demonstra a necessidade da construção desses novos espaços, na medida em que também reforça determinado estilo e projeto de vida.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

pela avidez do mercado imobiliário; ao contrário, age em benefício das construtoras (D'ANDREA, 2013; FIX, 2001).

O surgimento dos enclaves e, posteriormente, sua difusão, foi inicialmente observado nas grandes cidades e metrópoles brasileiras no final dos anos de 1980 e início da década seguinte. Nesse momento, ainda que de forma limitada, houve também a construção e incorporação dos enclaves nas cidades interioranas. Os primeiros condomínios residenciais horizontais com caráter fortificado e a atualização dos condomínios verticais, que já existiam, à lógica dos enclaves com tecnologia de segurança privada e serviços rigorosos de limpeza, ocorreu ao longo da década de 1990 na cidade de Marília, localizada no interior do estado de São Paulo (ZANDONADI, 2004 *apud* SPOSITO, 2006b).

Contudo, nos anos 2000 houve uma expansão significativa desse tipo de empreendimento imobiliário para o interior dos estados, particularmente no estado de São Paulo, onde as cidades médias se tornaram um novo campo de possibilidades de enriquecimento do mercado imobiliário. Concomitante à expansão do mercado imobiliário neoliberal, houve um avanço na incorporação da lógica dos enclaves por outros espaços; o que antes contemplava os espaços para habitação, foi expandido para espaços de lazer e consumo como, por exemplo, supermercados e *shopping centers* (POZZO, 2011).

Nesse contexto, a mudança da feira poderia ser reflexo, em determinado grau, da tensão entre o capital imobiliário neoliberal e as resistências que encontra em seu caminho para obtenção de lucro. Contudo, para confirmar essa hipótese, foi necessário ampliar a análise para além da feira livre e o incômodo que ela representou para igreja. Partindo do pressuposto de que a feira livre não é um espaço-acontecimento isolado e que, inclusive, se relaciona com outros espaços da cidade, foi necessário considerar outras referências espaciais para analisar a relação da feira com a cidade e sua mudança em 2015.

A partir das entrevistas realizadas com feirantes e fregueses da feira sobre espaços da cidade que frequentam ou consomem, foram selecionados espaços que

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

compartilhavam com a feira, em algum grau, a função de serviço, comércio e lazer. Os espaços pesquisados, além da feira livre, foram o supermercado da rede regional Tauste, o *shopping center* Marília Shopping e o terminal rodoviário urbano, localizados em diferentes regiões na cidade de Marília⁴.

Os espaços estudados atendem ao público da cidade, mediante ou não a pagamento para acesso. Nesse contexto, a coleta de dados se deteve particularmente sobre as áreas frequentadas por consumidores ou usuários. Após análise⁵, os espaços selecionados revelaram aproximações e distanciamentos com a feira livre e com espaços “fortificados” em aspectos como função, características de funcionamento e público. O resultado da pesquisa foi a elaboração de duas categorias analíticas, os espaços espontâneos e os espaços estéreis.

As categorias foram relevantes para identificarmos o significado da mudança da feira e sua influência para o desenvolvimento urbano. Expandindo o problema de pesquisa, as categorias também ajudam a entendermos as contribuições da feira livre para a cidade. E, por fim, elas colaboram para a discussão da influência dos espaços sobre os sujeitos, as relações sociais e diferentes projetos político-sociais de cidade.

O artigo se estrutura por meio das categorias, onde serão apresentados os espaços, seus dados e análise. A categoria espaços espontâneos contempla os estudos da feira livre e o terminal rodoviário urbano. Em seguida, os espaços estéreis são construídos

⁴ A análise e os resultados da dissertação que este artigo apresenta abrangeram outros espaços, que não foram aqui expostos pela limitação própria deste formato. Os espaços pesquisados foram o Bosque Municipal “Rangel Pietraroia”, o centro de comércio popular conhecido como *camelódromo* e três universidades particulares, a Universidade de Marília – Unimar, o Centro Universitário Eurides de Marília–Univem e a Uniesp S.A – Marília.

⁵ O método investigativo foi construído a partir da técnica de pesquisa documental (SEVERINO, 2007), que buscou conteúdo legislativo e reportagens em mídias jornalísticas virtuais como, por exemplo, Marília Notícia, Giro Marília, Visão Notícias e Portal G1. As entrevistas estruturadas (QUEIROZ, 1991) foram realizadas, no total, com dez feirantes e dez fregueses, além de duas entrevistas realizadas com funcionários do órgão público regulador da feira. Por fim, a etnografia sociológica (FREHSE, 2014) realizada nos espaços estudados (feira livre, supermercado, terminal rodoviário urbano e o *shopping center*). A análise dos dados esteve ancorada nas discussões teóricas e empíricas de autoras preocupadas em entender o sentido do desenvolvimento e as limitações da cidade brasileira. Para analisar e interpretar os espaços foi necessário entender a coerção do capital imobiliário (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2013; MARICATO, 2015; ROLNIK, 1997, 2015), o desdobramento do neoliberalismo para os espaços da cidade e a valorização dos *enclaves fortificados* (CALDEIRA, 2011), sobre como as cidades médias do estado de São Paulo são influenciadas pelo projeto urbano das grandes cidades (SPOSITO, 2006a) e, por fim, sobre o avanço da neoliberalização da vida privada e pública (DARDOT, 2016; HARVEY, 2014; SENNETT, 1988).

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

pelo supermercado e o *shopping center*. Por fim, a conclusão apresenta as reflexões sobre a relação da feira com a cidade e sua mudança à luz das categorias analíticas.

Espaços espontâneos

A pesquisa sobre a feira livre se preocupou em entender suas características, sua relação com o poder público e a perspectiva do feirante e dos fregueses acerca de trabalho e consumo. A partir das entrevistas, e considerando o contexto histórico-social da feira, foi possível identificar a sua relação direta e indireta com outros espaços da cidade. A característica que esses espaços compartilham, no primeiro momento, é o público que os frequenta. Podemos também identificar outras relações que a feira possui com espaços urbanos, como a relação concorrencial com o supermercado.

Ao analisarmos esses espaços, comparativamente, notaram-se semelhanças quanto aos elementos que os compõem, a estrutura de funcionamento e o público que os frequenta ou consome. Nesse artigo, os espaços com características em comum, denominados espaços espontâneos, são a feira livre e o terminal rodoviário urbano. A espontaneidade desses espaços é baseada nas possibilidades sociais de encontros entre sujeitos diferentes, na liberdade de existir dentro dos limites políticos e na possibilidade do sujeito se reconhecer enquanto ser social, ou seja, seu pertencimento em determinada sociedade com suas potencialidades e agruras.

Feira livre

A feira livre de domingo acontece, hoje, na principal rua da cidade de Marília. Está localizada nos últimos quarteirões da Avenida Sampaio Vidal, contudo, à margem da região central. Ainda que os feirantes não tenham terminado de montar suas barracas, às 5h, os fregueses começam a caminhar entre as bancas. Os feirantes terminam de atender às 13h30min, desmontam suas barracas e os agentes públicos de limpeza urbana começam a trabalhar. Para alguns fregueses entrevistados a feira é caracterizada pela “falta de organização” se comparada ao supermercado, por exemplo, ou pelo seu caráter “informal”. Contudo, veremos que a lógica de funcionamento e a estrutura da feira é

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

regulamentada pelo poder público que dialoga, em determinado grau, com feirantes e a opinião pública.

Todo domingo, Dona Nair e seu marido acordam às 2h30min da madrugada para iniciar o preparo das mercadorias. Os queijos, retirados das fôrmas, são tratados pela feirante e colocados alinhados em uma caixa térmica. D. Nair termina de embalar o queijo na frente do freguês depois que ele escolhe qual irá levar. O casal monta a barraca por volta das 4h e encerra o trabalho quando acaba a mercadoria ou termina o movimento dos fregueses no final da feira livre às 13h30. A feirante explica, “às vezes a turma tá [sic] varrendo, limpando, é uma e quinze, uma e vinte, se tiver gente querendo comprar eu não deixo freguês, só se eu não tiver, senão, eu não deixo freguês ir embora e falar “aah [sic] acabou a mercadoria” (Informação verbal⁶).

Os primeiros clientes de D. Nair são os “japoneses”, que procuram por mercadorias mais frescas segundo ela. Para o freguês, a feira é um espaço onde é possível encontrar bons produtos. Anderson relatou ir à feira para comprar ovos de uma qualidade que não encontra em outros espaços comerciais, como no supermercado.

O início da feira livre aos domingos apresenta um fluxo pequeno de pessoas, quando é possível caminhar tranquilamente para conferir as barracas e as mercadorias expostas. A experiência de frequentar o lugar em suas primeiras horas é moldada pela livre circulação, a temperatura amena e uma umidade que funciona como filtro ao olfato. Concomitante aos sons reduzidos a conversas em baixo volume e a barulhos metálicos e secos do final da montagem das barracas, o espaço no momento inicial é caracterizado por sua tranquilidade.

Segundo D. Nair, “no domingo começa a lotar de gente às nove horas” (Informação verbal)⁷; a circulação de pessoas aumenta e o ritmo da caminhada diminui. Ao olharmos as ruas que circunscrevem a feira, nesse momento é possível reparar no aumento do número de automóveis estacionados dos visitantes. As mesas das barracas que vendem pastéis se tornam concorridas e a fila do caldo de cana aumenta. Às 9h já se

⁶ Informação fornecida pela feirante ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 07 agosto de 2018.

⁷ Idem.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

ouve o pregão ao longo de toda feira; o feirante anuncia em voz alta que “melancia hoje é 10 reais”. O cheiro perde o frescor e se intensifica, os sons das pessoas aumentam; abacaxis se misturam com pastéis ao longo da caminhada na medida em que é ampliado o volume das conversas junto aos anúncios verbais dos feirantes.

Nas últimas horas, a circulação de pessoas diminui, mas ainda há clientes à procura, principalmente, de descontos. Segundo os fregueses, na feira livre é preciso olhar mais atentamente e “pechinchar” para levar uma mercadoria “boa e barata”. A característica da “pechincha”, ou seja, negociar o valor da mercadoria, só é possível na feira livre, no supermercado “não acontece”. D. Nair relata o motivo para a queda dos preços e sobre a mudança do perfil do freguês, “nós chamamos de xepeiro, quando vai dando onze horas quem vai na feira é o que vai atrás da promoção do final da feira. Quem tem alface, mamão, essas mercadorias que não podem ficar assim [está se referindo às condições necessárias para armazenamento], que nem a mandioca se você deixar ela fica roxa, ele tira o custo e ele solta barato que é pra não voltar pra casa com a mercadoria, quer dizer que ele não perdeu, mas não ganhou, ele tirou o custo da mercadoria” (Informação verbal)⁸. A dispersão dos “xepeiros” ou o término das mercadorias indicam o final da feira; é quando os feirantes interagem entre si à medida que desmontam suas barracas. A feira se encerra com funcionários públicos realizando a limpeza da rua e retirada dos banheiros móveis, conhecidos como “banheiro químico”.

Além dos que trabalham na feira, há outros sujeitos que lá encontram uma alternativa para garantir a sobrevivência na cidade. A precariedade da condição social e econômica desses sujeitos reflete, em determinado grau, as fragilidades da estrutura urbana. Portanto, ir à feira livre é assumir a possibilidade do encontro com, por exemplo, o trabalho infantil, trabalho informal e a mendicância de “pessoas que vivem nas ruas” (MELO, 2016). Na feira é inevitável o encontro com crianças que caminham vendendo doces produzidos por suas mães “para ajudar em casa”. Nas ruas que contornam a feira, onde os carros dos fregueses são estacionados, há recorrentemente uma mulher que se oferece para “cuidar” do veículo em troca de alguma contribuição. Também há os sujeitos que a frequentam para vender suas mercadorias de maneira informal, ou seja,

⁸ Idem.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

sem o registro municipal e o pagamento da taxa de autorização necessária para o vendedor da feira.

Outro sujeito que compõe a feira e expressa a precariedade da vida urbana é aquele que pede dinheiro aos feirantes e seus fregueses. Nos domingos, ao chegar ao local pela extremidade sul, é possível ser abordado por uma senhora com deficiência física, que, sentada na calçada, pede dinheiro. A pesquisa revelou algumas perspectivas dos frequentadores sobre esses sujeitos. Para alguns entrevistados são considerados um “incomôdo” ou “perigoso”. A perspectiva dos frequentadores da feira se apoia no entendimento de que os sujeitos “que pedem dinheiro” são desprovidos de dimensão política na medida em que reforçam “o estigma e estereótipo de ‘gente inútil’, ‘descartável’, e ‘sem valor’. Ou então, em seu extremo, compondo parte das ‘classes perigosas e poluentes’.” (DeLUCCA, 2016, p. 25). Para alguns frequentadores, a feira pode ser “incômoda”, “suja”, “desorganizada” e apresentar os “riscos” da vida pública (Informação verbal)⁹, justificado pelos sujeitos que pedem dinheiro, pelo contato com trabalho infantil e a pobreza.

Para fregueses e feirantes há limitações como, por exemplo, as fragilidades do diálogo com o poder público e seus desdobramentos, que foram discutidos no caso do deslocamento da feira. Porém, para esse público que a frequenta e a constrói a feira proporciona uma sensação de “liberdade”, baseada na possibilidade de “ser espontâneo”. As diferentes personalidades e individualidades são incorporadas nas relações sociais que ocorrem na feira. Como desdobramento, o efeito do contato com a diversidade social é fundamental para o sujeito identificar seu lugar na sociedade em que está inserido. A sensação de “liberdade” baseada nas relações sociais em um contexto heterogêneo possibilita que o sujeito se dê conta, espontaneamente, das fragilidades e potencialidades sociais da cidade.

Terminal Rodoviário Urbano

O Terminal Rodoviário Urbano “Dom Hugo Bressane de Araújo” compõe de forma significativa o sistema de transporte público de Marília e contribui ativamente para a

⁹ Informação fornecida pelos frequentadores da feira ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 10 de setembro de 2018.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

mobilidade urbana, ou seja, para as possibilidades de deslocamento de pessoas e mercadorias entre os espaços da cidade (RODRIGUES, 2016). Com administração pública, por meio da Empresa Municipal de Mobilidade Urbana (EMDURB) e com participação da Associação Mariliense de Transporte Urbano, o terminal recebe um fluxo contínuo de usuários que consomem o serviço oferecido por duas empresas privadas, a Sorriso de Marília e Grande Marília. As empresas circulam por diferentes regiões da cidade e, por isso, não possuem uma relação concorrencial.

A importância do terminal para a mobilidade urbana está relacionada com o caráter centralizado do sistema de transporte público de Marília, caracterizado por um espaço central para o qual as linhas de ônibus partem ou retornam e onde é possível que o usuário realize a integralização, ou seja, a troca dos ônibus (COCCO, 2011). Historicamente localizado na região central, entre a antiga estação ferroviária e o centro de compras informal e popular conhecido como *camelódromo*, o terminal é um ponto de referência espacial para cidade, frequentado, inclusive por feirantes e fregueses da feira como foi observado nas entrevistas.

O terminal é um espaço fechado com acesso mediante ao pagamento do “passe”. Seu espaço é proporcional a uma área retangular, com uma extensa faixa de calçada centralizada com bancos para os usuários aguardarem os ônibus que estacionam no “meio-fio”. Uma rua contorna essa calçada e é por ela que os ônibus circulam. Na parte superior dessa rua, ainda na área interna do terminal, há uma variedade de bancas que comercializam comidas e bebidas que são consumidos pelos usuários e funcionários do terminal.

O acesso ao terminal pode ser realizado por duas entradas, onde há catracas e circulam funcionários responsáveis por garantir o pagamento-passe-acesso dos usuários. Ainda que seja necessário o pagamento para ter acesso ao espaço, é possível ser abordado por pessoas pedindo dinheiro ou por vendedores ambulantes não autorizados. Nesse contexto, o foco da segurança no terminal é garantir o pagamento do “passe”, a prioridade não é a integralidade do espaço e dos usuários do serviço como é defendido pela administração do espaço (MORENO, 2018).

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Como tentativas de modernização do sistema de transporte público, o terminal, que sempre fora um espaço acessível mediante pagamento, passou por atualizações que alteraram o seu caráter fechado. A mais recente e significativa atualização foi a liberação de acesso em 2017; com a retirada das catracas, o pagamento do “passe” era realizado dentro do ônibus. Entretanto, o terminal enquanto espaço aberto durou pouco menos de um ano; em 2018, retornou à condição de espaço fechado, com a reinstalação das catracas e o retorno dos seguranças nas entradas e saídas. As reclamações dos usuários sobre a falta de segurança, o aumento de brigas e a frequência de “pessoas que vivem na rua” foram consideradas pelo poder público e a prefeitura fechou novamente o acesso ao terminal. A figura da “pessoa que vive na rua” representa um “incômodo” para os frequentadores do espaço, que projetam a ideia de sujeira e comportamento violento nos sujeitos marginalizados (MELO, 2016). Nesse contexto, houve a retomada dos equipamentos de segurança e instalação de novos, como, por exemplo, o monitoramento por câmeras de segurança (MORENO, 2018).

Outra característica observada foi a limpeza do espaço. Ao caminhar pelo terminal é possível verificar o aumento do volume das lixeiras ao longo do dia e o chão cravejado de chicletes velhos. Para a esposa do Ludovino, freguês da feira entrevistado, o terminal não é “limpo e organizado”. A “sujeira” é consequência do limitado número de funcionários responsáveis pela limpeza do espaço. Ainda que haja a limpeza dos banheiros, ao menos duas vezes ao dia, e das áreas comum, com esvaziamento das lixeiras e limpeza geral todos os dias, isso não é suficiente para os horários de maior fluxo de usuários.

Contudo, a limpeza insuficiente não torna o espaço inutilizável. A associação do terminal às suas limitações higiênicas é significativa por demonstrar a continuidade de uma perspectiva histórica sobre a cidade. A higienização urbana do início do século XX se tornou ferramenta de exclusão dos espaços considerados sujos, principalmente as moradias e espaços compartilhados pela parcela pobre da sociedade, e a valorização dos espaços considerados limpos e modernos, relacionados à elite (OLIVEIRA SOBRINHO, 2013). O fato de que o terminal não seja integralmente limpo é ressaltado pelo preconceito social e reforçado por determinada classe social. O desdobramento para

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

cidade dessa valorização social da limpeza é a sua contribuição para a fortificação da segregação urbana que aponta, julga e exclui os sujeitos indesejados, ou seja, os pobres.

A feira livre e o terminal possuem algumas similaridades. Compartilham da relação com o poder público, em que a prefeitura age para executar e atualizar as normativas que regulamentam o funcionamento dos espaços. Atendem diferentes necessidades e importantes demandas da cidade, contemplando a área do comércio, lazer e mobilidade, além da trajetória histórica dos espaços vinculada à tradição do município. O perfil popular dos sujeitos que frequentam e consomem nos espaços está relacionado com a relevância desses lugares para a vida cotidiana. Outro ponto compartilhado são os elementos espaciais que organizam e influenciam a experiência social dos seus frequentadores.

A segurança dos espaços garante que os pagamentos necessários sejam realizados, mas não distingue o público a partir de preconceitos sociais que perpetuam a marginalização da sociedade. A guarda municipal ou a polícia militar são acionadas somente em casos pontuais como, por exemplo, brigas ou “perturbamento da ordem”. A limpeza não interfere no funcionamento dos espaços, mas é considerada precária, perspectiva fundamentada pela falta de funcionários e reforçada pela noção higienista da sociedade urbana. Nesses espaços, a segurança e a limpeza integram a ordem, mas não funcionam de forma rígida como filtros sociais, limitando o acesso, desprestigiando ou violentando parcelas da população urbana. Por fim, os espaços espontâneos, que estão presentes na vida cotidiana, possuem um caráter de espaço público na medida que constroem a vida pública na cidade.

A ordem dos espaços espontâneos está baseada na particularidade da função de cada um deles, nas características de seu funcionamento e no público que o consome e frequenta. Como um conjunto, compartilham a condição que amplia a possibilidade de encontros entre as pessoas que os frequentam. O encontro entre conhecidos e desconhecidos possibilita o contato, direto e indireto, com a diferença no campo social, ou seja, a possibilidade de se relacionar com sujeitos de diferentes classes sociais e identidades culturais.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Outra característica é a presença de sujeitos que demonstram as fragilidades urbanas, os que são negligenciados pelos desdobramentos da desarticulação entre políticas públicas e a demanda dessa parcela da população. A classe subalterna, os pobres, os marginalizados do sistema político econômico contemporâneo frequentam e consomem os espaços espontâneos e, por isso, reafirmam sua existência na dinâmica urbana.

Para esta pesquisa, o encontro entre sujeitos de diferentes classes sociais e influências culturais é a condição principal para que haja um movimento espontâneo de consciência social. O sujeito identifica suas particularidades por meio da relação com o outro e, por isso, é capaz de se localizar na rede de relações sociais. Ou seja, abre-se à possibilidade de reconhecer seu lugar na sociedade. Portanto, esse movimento que afasta a alienação social é orientado pela espontaneidade das relações sociais e culturais.

Espaços estéreis

Como na formulação dos espaços espontâneos, os selecionados e classificados como estéreis foram identificados nas entrevistas com feirantes e fregueses. Os espaços estéreis apresentados neste artigo são o supermercado da rede Tauste e o Marília Shopping, que atendem demandas urbanas de consumo e lazer. A pesquisa se deteve nas áreas de acesso livre aos consumidores, em que foram realizadas a etnografia e as entrevistas. Nesses espaços há a presença de elementos de segurança, limpeza e conforto espacial¹⁰ que influem na experiência dos seus frequentadores. Contudo, essas características não se desdobram somente como forma coercitiva sobre as relações sociais; são responsáveis também por moldar a capacidade do sujeito em reconhecer o seu caráter social. São espaços que atuam e influenciam, em determinado grau, a visão de mundo dos cidadãos. A análise desses espaços identificou um perfil espacial responsável por esterilizar as potencialidades sociais dos sujeitos e propor um projeto de cidade

¹⁰ Conforto espacial se refere, nesta pesquisa, aos elementos espaciais que, segundo os entrevistados, contribuem para tornar o espaço “mais agradável”, proporcionando uma sensação de “bem-estar” e “comodidade”. Alguns exemplos são o estacionamento (“com cobertura, preferencialmente”), sistema de climatização, playgrounds para crianças, e a segurança e limpeza, que também são apresentados como elementos de “conforto”.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

privatizada e alienada. Por meio de uma ordem que limita a espontaneidade dos sujeitos e a possibilidade de acesso de outros, esses espaços reproduzem preconceitos sociais e a segregação urbana na medida em que infertilizam a condição social dos sujeitos e da cidade.

Supermercado

O supermercado Tauste¹¹ foi recorrentemente citado por fregueses da feira e feirantes; os primeiros relataram frequentar o espaço para compras eventuais do “dia a dia” e os segundos apontaram a relação concorrencial com a feira. A feirante Marina comentou em entrevista sobre como se “vendia muito” na feira livre antes de o supermercado vender verduras, ter padaria e açougue; ela relata a dificuldade de concorrer comercialmente com o estabelecimento devido, por exemplo, às condições de aquisição de mercadoria via atacado que permitem a devolução caso não seja comercializada, diminuindo o prejuízo do supermercado (Informação verbal)¹². Ainda que a feira e o supermercado possuam objetivos comerciais similares, ou seja, a comercialização de diversas mercadorias que atendem às necessidades do cotidiano, a feira livre e o supermercado são espaços antagônicos no que se refere à estrutura, funcionamento e contribuição social para a cidade.

Há duas unidades do supermercado Tauste na cidade de Marília, uma localizada na região norte, o Tauste República, e outra na região sul, o Tauste Tiradentes. O supermercado da região norte foi o mais citado pelos entrevistados e, por isso, o foco da pesquisa se deteve nesta unidade. Além da loja do supermercado, o Tauste República também disponibiliza outras lojas e serviços. A variedade de comércio e serviço se torna atrativa aos sujeitos por permitir a otimização das “tarefas do cotidiano”. Para Anderson, freguês da feira, a possibilidade de compra de diferentes tipos de mercadorias e o acesso

¹¹ O grupo Tauste é responsável por uma rede de supermercados iniciou suas atividades na cidade de Marília com sua primeira loja em 1991. Hoje, o grupo possui um total de sete lojas que estão presentes nas cidades de Bauru, Sorocaba, Jundiaí e Marília. O conjunto das unidades é responsável, segundo a empresa¹¹, por empregar 3.240 colaboradores em uma área construída de 113.824 m² e com 2.461 vagas de estacionamento. Ainda que a primeira loja tenha sido inaugurada em 1991, foi na primeira década dos anos 2000 que o grupo expandiu, construindo estruturas maiores e se instalando em outras cidades (A EMPRESA..., 2020).

¹² Informação fornecida pela feirante ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 15 de agosto de 2018.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

de diferentes serviços como, por exemplo, farmácia e lotérica contribuem para resolver “os problemas do dia”¹³ (Informação verbal)¹⁴.

O supermercado Tauste possui seções de diversos produtos distribuídos pelos corredores do prédio. Alguns serviços como padaria, açougue, hortifruti, peixaria e uma adega possuem espaços específicos com balcões e vitrines. Os corredores são divididos por tipos de produtos, onde são expostos em prateleiras altas e com reposição constante realizada por funcionários do supermercado ou da marca do produto.

Há dois elementos significativos para o funcionamento do supermercado, como já dito, que são a segurança e a limpeza. A ordem baseada nesses elementos possui o objetivo de assegurar o lucro gerado pelo espaço e a “tranquilidade” de seus consumidores na medida em que afasta o “perigo” e a “sujeira” da cidade. A segurança é realizada por funcionários do supermercado, que são orientados a guardar pontos estratégicos do espaço, na entrada, saída e no estacionamento. Concomitante aos seguranças “estáticos”, há os que caminham pela loja observando os consumidores ou, por exemplo, orientando-os sobre às regras do espaço.

O resgate de notícias públicas em jornais reafirma o sentido da atuação da segurança que age para garantir a integridade e interesses do supermercado. Em 2012, uma rede de supermercados foi condenada a pagar indenização de dez salários mínimos a uma criança que foi confundida com um pedinte dentro de sua loja. A mãe da criança relatou que o segurança, ao ver a criança pedindo a ela para tomar um iogurte, dirigiu-se ao seu filho de forma agressiva, “dizendo que o supermercado não era lugar de pedir e ameaçando-o retirar do local” (SUPERMERCADO..., 2012, p. 01)¹⁵. Recentemente, um supermercado foi denunciado pela tortura de um estudante de 17 anos que tinha furtado

¹³ No Tauste República há banca de jornal, restaurante da rede Daun's, quiosques de sucos e vitaminas, um quiosque da rede McDonald's, farmácia, uma loja de chocolates da rede Brasil Cacau, uma loja de instrumentos musicais e outra de vestuário, ótica, lotérica e um espaço com caixas eletrônicas que funcionam 24 horas por dia.

¹⁴ Informação fornecida pelo frequentador da feira ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 10 de setembro de 2018.

¹⁵ Em 2019 houve um caso de repercussão nacional sobre o abuso por parte dos seguranças de um supermercado que resultou em morte. Em uma das unidades do supermercado Extra, localizada no Rio de Janeiro, o segurança matou um jovem ao imobilizá-lo com um golpe “mata-leão”. A mãe do rapaz presenciou a cena e o segurança foi preso em flagrante (CÂMERAS..., 2019).

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

algumas barras de chocolate (TAJRA , 2019). Segundo o boletim policial, os seguranças levaram a vítima até um quarto de depósito nos fundos do supermercado, onde despiram o estudante, o amordaçaram e o torturaram com chicotadas e choques com fios elétricos. O relato do freguês da feira reafirma o conteúdo das notícias. Renato contou ter sido alvo de preconceito em supermercados e *shopping centers* pelo fato de “ser negro e ter tatuagem”. Ele explica que foi seguido por seguranças de um supermercado enquanto realizava suas compras. Os olhares das pessoas constrangeram o entrevistado, causando incômodo, como se ele “não pudesse estar naquele local”. O desconforto que sentiu o afastou desses espaços, especificamente das lojas de grandes redes de supermercado, levando-o a frequentar o “mercado do bairro” onde ele conhece os funcionários.

A limpeza do supermercado Tauste é outro elemento que influencia seu funcionamento e a experiência de consumo dos seus clientes. Os funcionários responsáveis por garantir a constante higiene do espaço são contratados pelo estabelecimento e, assim como os seguranças, estão presentes em toda área interna e externa. Em todos os supermercados são recorrentes “acidentes” dos mais variados que podem resultar em uma “grande bagunça ou sujeira”, como quando as latas de cerveja ou as garrafas de azeite escorregam das mãos dos consumidores e se quebram no chão, ou ainda quando as frutas ou legumes da seção de hortifruti caem e rolam pelo piso. No contexto do supermercado Tauste, essas eventualidades são rapidamente atendidas por uma ou duas funcionárias da limpeza¹⁶.

A iluminação do lugar contribui para o serviço das funcionárias da limpeza, pois a “sujeira” é destacada pelas luzes artificiais. O supermercado é um espaço sem sombras, em que a luz constante garante uma diurnidade atemporal na medida em que realça a desordem e a sujeira, assim como o que é indesejado.

¹⁶ Ao longo da pesquisa sobre o supermercado Tauste foi possível observar um acontecimento que ilustra como a “sujeira” é eliminada. No meio do espaço, entre prateleiras e produtos, havia uma máquina de café disponível para os seus consumidores, onde uma senhora derrubou café no chão e, enquanto a funcionária da limpeza não surgia para limpar o café escorrido no piso branco, uma repositora colocou uma caixa de papelão para delimitar a área da sujeira, que foi cercada de forma que as pessoas que caminhavam pelo corredor desviassem da “caixa da sujeira”.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

O supermercado, além de ser um espaço seguro e higiênico, também se promove enquanto um espaço confortável. Essa terceira característica não é baseada somente na segurança e limpeza, mas, também, em outros elementos como, por exemplo, estacionamento coberto, outros comércios e serviços, a proposta de atendimento personalizado e a climatização do espaço a partir de sistemas de ventilação e refrigeração. O conforto espacial também foi apontado pelos fregueses da feira livre como elemento que contribui para a experiência de compra nesse espaço.

A categoria de “enclave fortificado” (CALDEIRA, 2011) explica a lógica de funcionamento do supermercado, caracterizada, em linhas gerais, por uma ordem que denuncia e afasta os “perigos e a sujeira” da cidade, mesmo que para isso seja necessário a conservação de preconceitos sociais e de segregação urbana. Contudo, ao longo das últimas décadas houve uma expansão de espaços urbanos que incorporaram essa lógica de funcionamento. Os números da segurança privada indicam seu aumento exponencial. Segundo o Departamento da Polícia Federal, quaduplicaram os números de trabalhadores vigilantes entre os anos de 1998 e 2004, passando de 280.193 para 1.148.568 agentes de segurança (ZANETIC, 2005). A relação do aumento dos “enclaves fortificados” com a expansão da segurança privada é observada, em determinado grau, na ampliação da violência e de crimes cometidos contra sujeitos “indesejados” nesses espaços e que são denunciados em meios jornalísticos. A exacerbação da violência criminosa, que gera assassinatos, ocorre sobre sujeitos “indesejados” nos espaços estéreis e indica os desdobramentos dos “enclaves” na contemporaneidade.

Porém, o supermercado não age violentamente somente sobre os sujeitos que representam risco para seu funcionamento. O espaço influencia, em determinado grau, a visão de mundo do seu frequentador, reforçando o caráter individualizado do sujeito na medida em que fomenta ideias distorcidas de sociedade. A lógica de funcionamento cotidiano do supermercado alcança o campo ideológico e provoca em seus clientes uma perspectiva particularista em que a história das próprias vidas e suas emoções íntimas devem ser consideradas antes de qualquer valor ou demanda coletiva. O frequentador desses espaços é conduzido ideologicamente à compreensão desalinhada entre vida pública e vida privada, em que predominam os interesses particulares sobre todas as

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

esferas públicas da sociedade (SENNETT, 1988). No limite, o supermercado age coercitivamente sobre o sujeito, alienando-o da sociedade em que está inserido.

Shopping center

Na cidade de Marília há dois *shopping centers*, o Marília Shopping e o Esmeralda Shopping, o primeiro, localizado na região norte e o segundo, na região sul. Os entrevistados relataram frequentar o Marília Shopping pela proximidade de suas residências, por isso, o foco da pesquisa se deteve nesse espaço.

Conhecido popularmente como Shopping Aquarius, referente ao nome do bairro em que está localizado, o Marília Shopping foi inaugurado em 2010 e, ao longo dos anos, se tornou referência no cenário comercial da cidade e região. Com mais de 170 estabelecimentos comerciais em uma área de 60 mil m², o lugar oferece lojas de diferentes marcas e tipos de mercadorias; uma unidade da rede de cinemas Cinépolis, com cinco salas com tecnologia 3-D, praça de alimentação com mais de 20 opções de restaurantes e redes de *fast-food*, espaço de diversão para crianças, fraldário e praças de eventos (O SHOPPING, 2020). Também oferece esporadicamente atividades como pista de patinação no gelo e eventos, ditos culturais, como o Miss Marília (MARÍLIA SHOPPING..., 2018).

O espaço externo do Marília Shopping, onde estão localizadas as vagas de estacionamento, é asfaltado e organizado com sinalização para os veículos e pedestres. O lado interno é formado por longos corredores com piso cinza claro, teto alto com luzes brancas, com bancos e plantas, por onde também se acessam as lojas. Além dos clientes, é possível observar funcionários da limpeza e segurança circulando pelos corredores.

Para a freguesa da feira Shirlei, o *shopping* é um centro de compras e de lazer, onde pode passear “tranquilamente” e, às vezes, comprar algo bonito que tenha visto na vitrine¹⁷. Contudo, outros entrevistados apresentaram uma opinião divergente. Diferente de Shirlei, que gosta de passear no *shopping*, segundo Ludovino “só tem loja para

¹⁷ Além do caráter comercial, o público que frequenta o *shopping center* também está interessado em lazer. A “ocupação do tempo livre em *shopping center* sinaliza um fenômeno de submissão do lazer ao mercado [...], o lazer se confunde com uma mercadoria e o ‘tempo livre’, sob a lógica do capital, acaba por não ser *de fato livre*” (PADILHA, 2006, p. 27). Seja pelo consumo ou pelo lazer, foi estimado que, em 2019, houve a visita de 502 milhões de pessoas por mês nos *shoppings centers* do território nacional (BASSANEZE, 2020).

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

comprar”, além do desconforto gerado pelo fluxo de pessoas, “sempre cheio de gente”. Para Anderson, o *shopping* “é um lugar que impera o consumismo” (Informação verbal)¹⁸.

O primeiro contato com o *shopping*, ao entrar no espaço, é baseado em elementos de segurança. A estrutura da entrada é composta por câmeras de vigilância, cancela eletrônica e cabine. No estacionamento circulam seguranças em motocicletas, na área interna caminham pelos corredores. Contudo, a segurança que protege alguns é a mesma que nega o direito de acesso e a dignidade de outros, como é relatado por Renato. Por ser “negro e ter tatuagens”, o entrevistado relatou se sentir desconfortável com os olhares das pessoas e dos seguranças (Informação verbal)¹⁹. Ele não frequenta o *shopping* como, também, os grandes supermercados por se sentir desconfortável e constrangido nesses espaços²⁰.

As experiências de Renato dialogam com outros eventos que ocorreram em *shoppings centers* e revelam o padrão de segregação urbana expresso por esse tipo de espaço. Em dezembro de 2013, no período de férias escolares, quando intensifica o movimento no *shopping center*, houve um acontecimento na região leste da cidade de São Paulo, especificamente no Shopping Metro Itaquera. Localizado na saída da estação de metrô Itaquera, o *shopping* recebeu pontualmente um intenso fluxo de jovens residentes da periferia. O encontro recreativo organizado por eles, por meio de redes sociais virtuais, incomodou os lojistas e clientes do *shopping* e foi exposto pela mídia como um perigoso evento, caracterizando-o enquanto um “arrastão” (BARBOSA-PEREIRA, 2016). O “rolezinho”, como ficou conhecido esse tipo de encontro, expressa o rechaço de sujeitos que não devem frequentar esse espaço.

¹⁸ Informação fornecida pelo frequentador da feira ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 17 de setembro de 2018.

¹⁹ Informação fornecida pelo frequentador da feira ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 17 de setembro de 2018.

²⁰ Citaremos outros dois exemplos de violência no *shopping center*. Em 2020, no mês de fevereiro, um adolescente de 15 anos morreu em consequência de uma abordagem violenta pelo segurança do Shopping Recife (MEIRELES, 2020). Outra agressão no mesmo ano, mas em julho, foi denunciada por um jovem negro que fora ao Ilha Plaza Shopping para trocar um relógio. Na ocasião, seguranças o imobilizaram no chão como confirmou as imagens de segurança do *shopping center* (ROUVENAT; FERNANDES, 2020).

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Em Marília, no ano de 2015, também houve o “rolezinho” no Marília Shopping. Segundo a mídia local, o intenso fluxo de jovens não pôde ser controlado pelos seguranças do *shopping*, por isso, o espaço solicitou o serviço da polícia militar para ordenar e conter a presença dos numerosos jovens. Manchetes de reportagens associaram o “rolezinho” à confusão e roubo, relacionando o evento com o relato de uma testemunha que foi roubada em um ponto de ônibus próximo ao *shopping* (“ROLEZINHO”..., 2015, p. 01).

O Marília Shopping é constantemente limpo por funcionárias majoritariamente mulheres, com uniformes de cor cinza, em que estão estampados na região do tórax a logomarca da empresa terceirizada que presta serviços ao estabelecimento. Não se vê sujeira no chão; as plantas naturais estão sempre verdes e lustrosas; os cestos de lixo nunca estão cheios, pois são esvaziados diariamente e os banheiros têm cheiro de fragrância floral. A praça de alimentação, concorrida dependendo do dia e do horário, é cercada por funcionárias que limpam as mesas e o chão, e são elas também as responsáveis também por retirar as bandejas que foram negligenciadas pelos consumidores.

Sobre o conforto do espaço, realçado pela publicidade do *shopping*, há dois elementos significativos para os entrevistados, o sistema de climatização e o estacionamento. A estrutura de climatização é responsável por amenizar a alta temperatura que a cidade pode alcançar. Sua estrutura é formada por numerosos e potentes ares-condicionados que garantem a sensação de uma inerte primavera, como foi dito por Baudrillard (1975) em seus estudos sobre consumo e modernidade. Para Maura, freguesa da feira livre, o sistema de ar-condicionado garante uma experiência agradável, “um conforto necessário” (Informação verbal)²¹. O estacionamento é amplo, com vagas para carros e motos. Em dias em que a frequência do público é maior que o número de vagas como, por exemplo, aos finais de semana, é usada a propriedade ao lado do *shopping* como estacionamento, ampliando significativamente o número de vagas.

²¹ Informação fornecida pela frequentadora da feira ao longo da pesquisa realizada na cidade de Marília, em 10 de setembro de 2018.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

O estacionamento ainda conta com um serviço opcional pago exclusivo de “chofer”, em que o frequentador estaciona seu carro em uma das portas do prédio do *shopping* e um motorista conduz o veículo para uma área específica do estacionamento, com teto para proteção e correntes para diferenciar da área total. Nesse contexto, a valorização do espaço de estacionamento está relacionada com o uso privado do veículo para deslocamento na cidade, o que expressa efeitos nocivos para a cidade. O excesso de vagas públicas e privadas para estacionamento “leva à destruição das condições ambientais e da qualidade das vias públicas, é grande indutor dos congestionamentos” (BRINCO, 2016, p. 120), além de reforçar a sobreposição de interesses particulares sobre a cidade, ou seja, uma forma de privatização dos espaços públicos.

A segurança privada, a limpeza rígida e o conforto do ambiente climatizado e do estacionamento são elementos que compõem o funcionamento do *shopping* e a experiência de seus frequentadores, segundo os entrevistados. O conjunto de suas características revela, em algum grau, seu caráter socioespacial e suas contribuições para a cidade. O perfil espacial do *shopping*, enquanto um espaço estéril, é expressão de um projeto político de cidade, o qual é orientado pela valorização do individualismo e reforçado pela política neoliberal. Nesse contexto, o sujeito é orientado à valorização dos seus interesses em detrimento da sociedade que está inserido.

O reconhecimento e valorização do individualismo enquanto parâmetro social está relacionado com a perspectiva política neoliberal de cidade. Como aponta Wendy Brown sobre o neoliberalismo (2019, p. 55), “quando a alegação de que a ‘sociedade não existe’ se torna senso comum, ela torna invisíveis as normas e as desigualdades sociais geradas pelos legados da escravidão, do colonialismo e do patriarcado”. Como desdobramento, priva-se o direito ao acesso de moradia, educação, serviço de saúde e, incluso também, a possibilidade de frequentar e consumir em determinados espaços da cidade sob o risco de ser expulso, ofendido, acusado e, no limite, assassinado. Espaço e ideologia econômica-política confluem na contemporaneidade, em que o primeiro se tornou, em determinado grau, expressão do outro. Nesse contexto, o *shopping center* tende a esterilizar as potencialidades sociais dos sujeitos na medida em que reforça a identidade singular e merecedora dos privilégios classistas.

Conclusão

As categorias espaço espontâneo e espaço estéril contribuem para pensarmos o significado da mudança da feira livre pelos interesses da igreja Universal e com mediação do poder público. O interesse em eliminar a “sujeira” e o “barulho”, ou seja, a “desordem” da feira e atualizar o uso da rua transformando-a em estacionamento “público”, mas para veículos particulares, demonstram a proximidade da igreja com o espaço estéril. Aparentemente, a igreja Universal não contribui diretamente para a segregação urbana, contudo, a partir desta pesquisa, podemos verificar que essa instituição religiosa possui um papel particular no desenvolvimento urbano contemporâneo. Nesse processo de mudança da feira, a igreja funciona como um reforço ideológico à lógica estéril na medida que suas ações compartilham do mesmo sentido social e político dos espaços estéreis (CARVALHO, 2019). Portanto, a mudança da feira é resultado de uma ação referente à lógica dos espaços estéreis.

Os espaços espontâneos e os estéreis possuem uma ordem de funcionamento, contudo, com orientações divergentes. No espaço espontâneo, como a feira livre, o terminal rodoviário urbano e outros (CARVALHO, 2019), é permitida a presença de sujeitos negligenciados pelo estado democrático, representados nesta pesquisa pelo trabalho informal e infantil, os sujeitos que vivem na rua e a mendicância. A ordem dos espaços espontâneos é permissiva com diferentes sujeitos da cidade e não exerce uma força “controladora” se comparada ao regimento dos espaços estéreis.

A relação entre a “sensação de liberdade”, que alguns entrevistados relataram sentir nesses espaços, e a presença de sujeitos segregados ou que sofrem a projeção de preconceitos sociais influenciam o frequentador dos espaços espontâneos. A “liberdade” e o acesso livre formam um contexto heterogêneo e permissivo com diferenças individuais, por isso, abre-se a possibilidade de o sujeito reconhecer, na relação com o outro, suas particularidades, como também o seu caráter social. Dessa forma, os espaços espontâneos convidam alguns sujeitos, e provocam outros, para se relacionarem consigo e com a sociedade em que estão inseridos.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

A categoria espaços estéreis, enquanto um aprofundamento dos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011) e influenciada por interesses neoliberais, revela outro tipo de relação com a cidade e socialização entre seus frequentadores. O supermercado Tauste, o Marília Shopping e outros espaços da cidade (CARVALHO, 2019) compartilham da mesma lógica de funcionamento apoiada, principalmente, em ferramentas de controle como a segurança privada e a limpeza. Com a intenção de garantir determinada ordem, esses espaços agem violentamente sobre sujeitos que podem representar “desordem” ao seu funcionamento ou um “risco” aos seus frequentadores. Nesses espaços é possível observar acontecimentos que ultrapassam limites democráticos por meio de ações criminosas que acusam e, em alguns casos, julgam a presença de sujeitos indesejados.

Além da atuação dos espaços estéreis para continuidade da segregação urbana e da perpetuação de preconceitos sociais, outra influência desses espaços se desdobra sobre os sujeitos que os frequentam. O contexto em que seus frequentadores se relacionam pretende a homogeneização de comportamentos, de interesses e personalidades. Quem frequenta esse espaço entra em contato com uma dimensão distorcida da sociedade e distante de pressupostos democráticos. Nesse contexto, sua lógica de funcionamento dialoga com um projeto neoliberal de sociedade que promove o individualismo como elemento significativo da vida social. Em linhas gerais, esses espaços projetam a ideia de “risco” sobre sujeitos historicamente marginalizados, agem de forma a esterilizar a diferença na medida em que reforçam um individualismo homogêneo e, por fim, deturpam, à luz de pressupostos neoliberais, a perspectiva de sociedade dos sujeitos que os frequentam.

As tensões entre os espaços espontâneos e os estéreis se aproximam, em determinado grau, da disputa entre feira livre e a igreja. Essa aproximação das categorias espaciais-analíticas com o conflito pode sugerir uma interpretação da disputa entre diferentes perspectivas de projetos políticos de desenvolvimento urbano contemporâneo. Nesse contexto, a cidade média do interior paulista não somente acompanha o desenvolvimento urbano, que há décadas está presente nas grandes cidades brasileiras, como também deprecia práticas e espaços que fogem do escopo do projeto neoliberal de habitar e viver.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

Referências

“ROLEZINHO” em shopping acaba em confusão e roubo. **Marília Notícia**, Marília, p. 02, 02 jul. 2015. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/rolezinho-em-shopping-acaba-em-confusao-e-roubo/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

ARAÚJO, Bruno Gomes de. **A expansão regional das redes de poder da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil**. 2018. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

BARBOSA-PEREIRA, Alexandre. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Manizales, v. 14, n. 1, p. 545-557, 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Edições 70, 1975.

BASSANEZE, Solange. Censo Abrasce: setor de shopping centers registra alta de 73%. **Revistas Shopping Centers**, [São Paulo], 2020. Disponível em: <https://revistashoppingcenters.com.br/defesa-do-setor/censo-abrasce-setor-de-shopping-centers-registra-alta-de-79/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

BRINCO, Ricardo. Políticas de estacionamento e efeitos na mobilidade urbana. **Revista Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 109-120, 2016. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/indicadores/article/view/3839>. Acesso em: 01 jan. de 2021

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. 3. ed. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2011.

CÂMERAS de supermercado registram início da ação de segurança contra rapaz que morreu após ‘gravata’. **G1**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/15/imagens-de-cameras-do-supermercado-mostram-o-inicio-da-acao-do-seguranca-contra-rapaz-que-morreu-estrangulado.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2020.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

CARVALHO, Marcus Vinicius de Souza Perez. **Feira livre na cidade de Marília-SP: tensões e cotidiano**. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2019.

COCCO, Ricardo Giralardi. **Interações espaciais e sistemas de transporte público: uma abordagem para Bauru, Marília e Presidente Prudente**. 2011. 265 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2011.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

D'ANDREA, Tiaraju. **Nas tramas da segregação: o real panorama da Pólis**. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DELUCCA, Daniel. Morte e vida nas ruas de São Paulo: a biopolítica vista do centro. In: RUI, Taniele et al. **Novas faces da vida nas ruas**. São Carlos: EdUFScar, 2016. p. 23-43.

A EMPRESA. **Tauste**, Marília, 2020. Disponível em: <https://www.tauste.com.br/a-empresa>. Acesso em: 01 dez. 2020.

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão: duas histórias de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada**. São Paulo: Boitempo, 2001.

FREHSE, Fraya. **Minicurso: etnografia na sociologia: fundamentos e potencialidades**. Minicurso promovido pelo Laboratório de Pesquisa Social do Departamento de Sociologia da USP – Laps. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=2624>. Acesso em: 01 ago. 2019.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: histórias e implicações**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARÍLIA SHOPPING recebe todo o glamour do Miss Marília 2018. **Portal Mariliense**, Marília, 05 jan. 2018. Disponível em: <http://portalmariliense.com/portal/marilia-shopping-recebe-todo-o-glamour-do-miss-marilia-2018/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

MEIRELES, Mariana. Adolescente morre após ficar desacordado em shopping e política investiga o caso. **G1**, Pernambuco, 2020. Disponível em:

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/02/27/adolescente-morre-apos-ficar-desacordado-em-shopping-e-policia-investiga-o-caso.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2020.

MELO, Natália Maximo. **A esmola e a rede de proteção**: um estudo de instituições assistenciais para as pessoas que vivem nas ruas. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFSCAR, São Carlos, 2016.

MORENO, Leonardo. Terminal urbano de Marília volta a ter catracas após decisão judicial. **Marília Notícias**, Marília, 29 set 2018. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/terminal-urbano-de-marilia-volta-a-ter-catracas-apos-decisao-judicial/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares. São Paulo e a ideologia higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Sociologia**, Porto Alegre, n. 32, p. 210-235, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/soc/a/LJBz4P3sqLrM4ss4sNQJZSG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 jan. 2020.

PADILHA, Valquíria. **Shopping center**: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo 2006.

POZZO, Clayton Ferreira Dal. **Territórios de autosegregação e de segregação imposta**: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Presidente Prudente, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RODRIGUES, Juciano Martins. Mobilidade urbana no Brasil: crise e desafios para as políticas públicas. **Revista TCMG**, Belo Horizonte, v. 34, p. 80-93, jul./set. 2016. Disponível em: https://www.observatoriodasmegropoles.net.br/wp-content/uploads/2020/05/Mobilidade-urbana_Juciano-Rodrigues.pdf. Acesso em: 01 jan. 2021.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

Espaços espontâneos e estéreis em cidades médias: um estudo a partir do deslocamento da feira livre na cidade de Marília-SP

Marcus Vinicius de Souza Perez de Carvalho

ROUVENAT, Fernanda; FERNANDES, Felipe. Jovem negro denuncia que foi agredido e ameaçado com arma por homens em shopping na Ilha do Governador. **G1**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/07/jovem-denuncia-que-foi-agredido-e-ameacado-com-arma-por-seguranças-de-shopping-na-ilha-do-governador.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2020.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

O SHOPPING. **Marília Shopping**, Marília, 2020. Disponível em: <http://www.mariliashopping.com.br/shopping.asp>. Acesso em: 01 dez. 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Loteamentos fechados em cidades médias paulistas – Brasil. In: SPOSITO, Eliseu; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar (org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006a. p. 175-196.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Silvério; SOBARZO, Oscar. **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006b.

SUPERMERCADO terá de indenizar em dez salários mínimos criança confundida com pedinte. **O Globo**, São Paulo, p. 02, 12 ago. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/supermercado-tera-de-indenizar-em-dez-salarios-minimos-crianca-confundida-com-pedinte-6703491>. Acesso em: 01 dez. 2020.

TAJRA, Alex. Adolescente é torturado por seguranças de mercado após tentativa de furto. **Uol Notícias**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/09/02/jovem-diz-ter-sido-agredido-e-denuncia-seguranças-de-mercado-por-tortura.htm>> Acesso em: dez. 2020.

Recebido em: 04/01/2022

Aprovado em: 01/10/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 23 - Número 53 - Ano 2022
revistapercursos.faed@udesc.br